

O Projeto Telenfermagem  
apresenta...

Volume 11, Número 11

# Momento Telessaúde

NOVEMBRO 2020

## IMPACTO DO ENSINO REMOTO NA EDUCAÇÃO E NO TRABALHO

### TRABALHO REMOTO NO CONTEXTO ACADÊMICO

“... a transmissão de conteúdo e a qualidade das interações que fazem parte do universo da pedagogia, da didática, do universo acadêmico, certamente ficam prejudicadas.” Páginas 2 a 5.



**Ilustração: Solange Godoy e Rafael Vilhena**

### OS IMPACTOS DO ERE NO COTIDIANO DO ALUNO

“...os impactos do ensino remoto para nós são muito grandes, está na dificuldade de ensino, na qualidade que a gente está conseguindo ter também para estudar.” Páginas 6 a 10

### O ERE TRAZ UM CENÁRIO DE IMPROVISO

“...não existe a possibilidade de nos adaptarmos ao ensino remoto porque isso significaria modificar nossa profissionalidade numa dimensão tão profunda, que estaríamos falando de outro mundo.”

Páginas 11 a 13

# Reflexo na saúde mental com o ERE na vida acadêmica

Gilmar Tadeu de Azevedo Fidelis, Coordenador do Programa de Tutoria e Professor Convidado da Faculdade de Medicina da UFMG esclarece sobre as possibilidades de acolhimento com o Projeto Rede

**E: Com a implementação do Ensino Remoto Emergencial, muitas foram as mudanças na vida dos alunos e profissionais da universidade, a vida na academia mudou e a forma de enxergá-la também. Como os novos desafios impostos pelo ERE e por esse novo estilo de vida impactaram os alunos e funcionários?**

G: O cenário que nós estamos vivendo atingiu a todos. Percebemos que é um impacto um pouco diferenciado porque os funcionários possuem um outro contexto de relação com o trabalho, então não têm o temor de perder o emprego como o segmento privado, mas independente disso, existe um grande desconforto também no sentido de, primeiro, a falta de horizonte. Porque hoje nós temos alguns horizontes, apesar de a cada hora termos um cenário um pouco diferente, mas lá atrás, no decorrer desse processo, a falta de horizonte tanto para funcionários quanto para alunos foi muito penosa, gerou muito desgaste.

O que eu chamo de horizonte é um término desse contexto com o qual nós estamos lidando (da pandemia), o que vai ser depois disso e as adaptações que temos tentado fazer. A forma com a qual temos conduzido é algo muito novo na nossa história, então não existe protocolo, não existe diretriz pronta, estamos mudando o pneu do carro com ele andando, vamos dizer assim. Isso gera insegurança, desconforto, fora as questões inerentes a esse cenário. Por exemplo, o confinamento. Ele gera quadros de ansiedade, depressão, transtornos fóbicos. Não é incomum as pessoas terem desconforto de estar hoje em espaços abertos, em contato uns com os outros.

Temos situações que outrora eram corriqueiras e que hoje se tornaram muito desconfortáveis. E para os alunos dentro de um contexto acadêmico, existe a adaptação a algumas disciplinas, mas alguns contextos ficam um pouco melhores e outros



Professor Gilmar Tadeu de A. Fidelis

são

muito complexos, como a qualidade das aulas, não em termos de qualidade em si, mas a qualidade do trabalho remoto. É complicado porque falamos muito e são muitas horas na frente da tela. Então temos um contexto até clínico que afeta as pessoas, fora o grande desconforto de estar sistematicamente numa tela, então isso precisa estar adequado. Ou seja, a transmissão de conteúdo e a qualidade das interações que fazem parte do universo da pedagogia, da didática, do universo acadêmico, certamente ficam prejudicadas.

E aí vem outra angústia: como será depois disso? Será um misto? Algumas coisas vão mudar? Se não vão mudar, para quem isso fica bom? Vários de nós, dentro da universidade, temos feito o trabalho remoto no Núcleo de Apoio Psicopedagógico. Eu tenho atendido parcialmente de maneira remota, parcialmente de maneira presencial desde o início, mas tem colegas que atendem somente de forma remota. No dia em que ficamos muito no atendimento remoto, sentimos desde dor no corpo a dor de cabeça. Alguns desconfortos físicos mesmo, e a sem contar que ficamos enclausurados, não respiramos outros ares, então isso gera tensão.

Enfim, esse impacto é muito forte, vários colegas psiquiatras e eu, como psicólogo, temos sido muito procurados os consultórios estão lotados ,

Enfim, esse impacto é muito forte, vários colegas psiquiatras e eu, como psicólogo, temos sido muito procurados, os consultórios estão lotados e as pessoas estão muito desconfortáveis, com medo, ansiosas, depressivas.

As estatísticas estão mostrando aumento de violência doméstica, aumento de separações. Eu nunca tive tantas pessoas discutindo questões familiares no consultório. Outro cenário que vemos com os alunos que estão em modo remoto, que voltaram para suas casas fora de Belo Horizonte e que já não estão há algum tempo no núcleo familiar, é a adaptação dos pais deles mesmos. Às vezes temos dificuldade de fazer alguma sessão remota de atendimento porque eles não têm privacidade nas suas casas e desconhecem inclusive a casa da família como seu ambiente, seu núcleo de relação.

**E: Vimos que, prontamente, com a implantação do ERE, a universidade tomou algumas medidas a fim de tentar impactar positivamente na promoção de saúde mental da comunidade acadêmica. Como você acha que as medidas de prevenção podem auxiliar neste momento? Você acredita que alguma medida seja mais eficaz que a outra?**

G: Dentro dessa situação inusitada, a universidade já tem feito o melhor possível. A rede que está sendo colocada à disposição dos alunos, assim como o nosso núcleo na Faculdade de Medicina, mais a orientação dentro do site para os alunos com alguma dificuldade, ou outros alunos que estão se organizando dentro desse novo contexto têm impactado positivamente, pelo menos até onde eu consigo perceber.

Poderia ser melhor? Claro que poderia. Nossa universidade, como toda universidade pública, tem muitas limitações, mas dentro desse contexto eu vejo profissionais muito comprometidos, dedicados e disponíveis para esse processo.

A medida mais eficaz dentro do que eu entendo é disponibilizar para esses alunos o acolhimento e, se necessário, o acompanhamento em qualquer dimensão que seja. Às vezes, um pequeno momento em que você acolhe um aluno, ele redimensiona os problemas, faz uma releitura daquele contexto que

está vivendo e ganha um pouco mais de mobilidade e motivação. Eu vivi isso hoje pela manhã atendendo a um aluno que, na hora em que você começa o acolhimento, ele já fala que está muito mal, que está tudo muito ruim e você fecha a sessão vendo que ele ganhou um fôlego. Não tem mágica nisso, mas ajudamos as pessoas a olharem sob outro ângulo e a entenderem porque que esse momento está gerando tanto conforto, dentro das suas especificidades.

Também dentro das nossas limitações, e qualquer escola teve esse problema, nós não estávamos preparados para produção de conteúdo, embora muitos professores já têm uma familiaridade a algum tempo com a questão digital, com o ensino online. Mas nós não tivemos tempo hábil para otimizar isso, então a gente vem fazendo isso na medida em que é possível. Uma medida além desse acolhimento, desse acompanhamento e dessa tolerância com o momento não é possível, não podemos ser exigentes com o sistema, com os nossos alunos da maneira como seguimos em condições mais convencionais. Além disso, temos que investir dentro do que for possível, da nossa realidade que é tão difícil atualmente, para que a qualidade das relações e condições pedagógicas possam ser melhoradas.

**E: Quais são esses canais de acolhimento? Você pode especificar mais um pouco?**

G: A UFMG tem uma página destinada ao apoio e direcionamento do aluno que está com algum sofrimento mental. ( <https://www.ufmg.br/saudemental/> )

Em termos gerais, a FUMP (Fundação Mendes Pimentel) sempre faz esse movimento, esse acolhimento com médicos, quando o aluno tem qualquer questão de saúde geral. A FUMP tem um programa nesse sentido e normalmente esses programas são voltados para o aluno carente, mas a página da UFMG que eu mencionei é focada na saúde mental, basta acessá-la e um link vai direcionar e dar dicas para os alunos em situações de emergência. Na página também tem uma descrição dos encaminhamentos e dos serviços que podem acolher esses alunos, e mesmo

quando esse aluno tem algum poder aquisitivo, ele pode ser orientado nesses serviços.

Especificamente na Faculdade de Medicina existe um núcleo chamado NAPEM (Núcleo de Apoio Psicopedagógico aos Estudantes da Faculdade de Medicina), que é o pioneiro. É um núcleo estruturado para acolhimento, acompanhamento e encaminhamento de alunos com alguma questão de ordem psíquica ou pedagógica. Num cenário pedagógico, normalmente encaminhamos para a escuta acadêmica. Não é um ambulatório, então quando temos uma situação mais crônica, tentamos encaminhar essa situação. Não há distinção, o núcleo acolhe alunos da Medicina, da Fonoaudiologia e de Tecnologia em Radiologia, que também são alunos da Medicina. Temos psicólogos e psiquiatras, e não tem vinculação com a questão social; se for aluno bolsista da FUMP ou não, o núcleo está aberto para apoio completo. Na pandemia esse núcleo não parou de funcionar; funcionou na maior parte de maneira remota, mas muitos profissionais atenderam presencial e remotamente.

Dentro desse cenário, a universidade oferece essas possibilidades de acolhimento e tem um projeto que está virando um programa mais sustentável, o Projeto Rede, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, que propõe fazer uma rede mesmo de apoio e acolhimento, e cercar todas essas questões que estão realmente na nossa estrutura, antes da pandemia, e agora com certeza com uma demanda muito maior.

**E: A universidade é conhecida pela alta produtividade, e é um local que de certa forma exige isso. Qual o impacto desta cobrança na saúde mental da população desse local? Como os discentes e docentes podem levar uma rotina menos estressante frente a tantas mudanças? Quais dicas você daria para melhorar a saúde mental dessa população?**

A produtividade é impactada diante de um contexto como esse, poucas atividades conseguem se sustentar, principalmente as que envolvem um nível prático: campo, laboratórios ou o que quer que seja, elas precisam sempre ser adaptadas. No início da pandemia isso era pior; hoje vemos a universidade

voltando aos poucos. Em termos de produtividade, existe um impacto e isso com certeza será verificado um dia, então teremos números com mais precisão em função disso.

Tanto discentes como docentes, no momento em que estamos e provavelmente após, vão ter que se adaptar. O impacto estrutural e comportamental é claro em termos de produtividade, como eu disse anteriormente, e a universidade já trabalha no sentido de fazer essas adaptações e fazer voltar os serviços que são mais essenciais. A gente vem trabalhando nisso e temos dialogado com serviços de atenção pessoal para avaliar quais os cenários podemos trazer de volta; primeiro situações mais essenciais e acho que, se não me engano, algumas atividades em dezembro, com todo o cuidado.

Então, em nível prático, realmente tem um impacto muito grande, e também o impacto comportamental. Nós temos essa questão do uso da máscara, de angústia, insegurança. Às vezes um colega está simplesmente resfriado, com alergia e já é olhado com uma certa tensão; temos a tensão nos ambientes, esse cenário está instalado. Os alunos estão bastante angustiados com a formação, com a qualidade do que eles estão aprendendo; realmente, isso tem um impacto na forma como o conteúdo está sendo levado para o aluno.

Os professores também, dentro de um padrão de adaptação, de ajuste de material; ajustes que serão talvez absorvidos, enquanto outros serão apenas transitórios. Enfim, todo esse cenário impacta psicologicamente, estruturalmente, em nível comportamental, nas rotinas e tudo mais. Vai ser um grande desafio para todos nós nos adaptarmos a isso.

Como levar uma rotina menos estressante? O que sempre sugerimos, concomitante com tantas cobranças, é que as pessoas se cuidem. Estamos escrevendo uma cartilha sobre autoavaliação de como eu estou estruturalmente em termos de saúde mental, então sugerimos que as pessoas tenham hábitos inercalem suas atividades, ou seja, não fiquem direto numa mesma atividade por um longo tempo.

Trabalhar bastante para que a alimentação seja mais saudável, menos calórica, mais equilibrada. Atividades físicas dentro do que é possível. Atenção para as relações, cuidado com a sua saúde mental, se possível, fazer uma terapia ou, se necessário, fazer uma intervenção farmacológica, procurar um psiquiatra e/ou terapeuta.

Trabalhar muito dentro das redes sociais, e veja bem, estou falando em redes sociais, não necessariamente em redes midiáticas. Procurar encontrar amigos dentro do que é plausível, mesmo que virtualmente, no telefone. Não estou falando de redes, estou falando de encontros sociais em qualquer nível. Buscar algum nível de lazer, um hobby, tentar separar as experiências realmente prazerosas e aquelas que nos envolvem de forma danosa como, por exemplo, ficar navegando por horas em redes sociais, ficar jogando por horas, ficar vendo séries por horas.

Falamos que esse cenário em que mergulhamos numa experiência nos gera algum nível de prazer, mas depois de um tempo passa a ser tão estressante quanto qualquer outra atividade. Nessa pandemia, muitas pessoas inverteram a noite pelo dia, então sempre recomendamos uma higiene do sono, uma certa rotina para que o nosso ciclo sono-vigília fique equilibrado porque uma noite mal dormida, além de te levar a um dia mais desgastante, às vezes reforça esses hábitos em que as pessoas dormem de dia e quando você vê, já inverteram os horários. Portanto, é preciso ficar atento a isso e a todas as atividades que envolvem telas, que envolvem computador, tablet, smartphone.

Tentar buscar esse equilíbrio e re-enfatizar o equilíbrio entre as estruturas sociais, sejam elas mais próximas na família, sejam elas mais distantes. Trabalhar muito com o reforço dessas estruturas sociais e dar uma atenção muito grande para as demandas dessas relações porque, muitas vezes, o convívio leva a um desgaste; se é um convívio com o qual as pessoas não estão acostumadas, pode ser intenso. Esse cenário colocou à prova muitas relações e situações que muitas vezes ficam camufladas dentro de uma

rotina de vida, então o desgaste se intensificou muito e muitas pessoas não estão dando conta disso.

Eu recomendo que não se tome nenhuma atitude drástica, pois vemos as pessoas se separando, tensionando as relações. Procure organizar-se, conhecer-se, ter mais tranquilidade usando qualquer ferramenta. Meditação, corrida, terapia, cuidar-se espiritualmente no caso daqueles que têm uma crença, respirar fundo e tentar entender melhor as relações. Brincamos muito que não se deve prometer nada quando você está feliz, não tomar nenhuma atitude quando você está com raiva e não tomar nenhuma decisão drástica quando você está triste. Então é o momento de buscar equilíbrio - quase podemos falar em sobreviver - e depois vamos ajustando as coisas.



<https://youtu.be/gJLDMVwlxoE>

# Os efeitos do ensino remoto emergencial na vida do discente

Luiz Phelipe da Silva Carneiro, estudante da graduação em Engenharia Metalúrgica da UFMG e representante dos estudantes na Comissão Permanente de Saúde Mental da UFMG descreve como está acontecendo o Ensino Remoto Emergencial para os alunos

“Temos que diferenciar o que a universidade fala nos documentos que ela escreve e o que acontece na prática. É muito importante dizer isso. Porque ela sempre está falando sobre minimizar os impactos, sobre como ela não quer que os estudantes sejam prejudicados. Só que temos aquela coisa da autonomia universitária. A universidade não pode dizer como um professor pode dar uma aula, como o professor pode montar seu plano e suas avaliações. Ela pode dar orientações, mas parece que tudo que o movimento estudantil, CAs, DAs, coletivos e DCE discutiram entraram por um ouvido e saíram por outro para alguns professores. A cobrança está muito difícil. Tem matéria que eu estou fazendo que está sem monitor para tirar dúvida. Marcamos uma vídeo chamada com o professor para tirar dúvidas e ele desmarca porque tem uma orientação com aluno da pós, tem uma banca para fazer, etc. No ICEX, na Engenharia, falamos que é muito difícil ter um professor com coerência, um professor que cobra em prova o que deu em sala, então, por exemplo, o professor dá conteúdo de A a E, mas a prova está de de A a Z. Está sendo assim ultimamente. Eu sou da moradia da UFMG, sou coordenador geral da Associação dos Moradores, e fico vendo alguns amigos meus. Houve gente que, para diminuir o impacto, teve que trancar metade do semestre. Houve gente que discutiu com o professor na primeira prova e está com medo do professor ficar de marcação na próxima, então está sendo muito desgastante. Eu fico imaginando alunos que têm uma grande quantidade de horas práticas. Sou aluno da Engenharia Metalúrgica e eu estava com 7 matérias, o que estava dando 480 horas, estava muito difícil dar conta dessas horas no ensino presencial; no remoto, sem condições ficar em alerta. com o bandeirão fechado é outra dinâmica, aí eu tranquei duas. E dessas cinco que eu estou cursando, três são práticas. Minha professo-



Aluno Luiz Phelipe da Silva Carneiro

ra vai no Departamento de Química, grava um experimento e a gente tem que ficar vendo o que ela está fazendo. E tem uma parte no final dos relatórios em que ela pede comente o que você achou da prática. Eu mandei: Professora, eu acho muito absurda essa pergunta. Porque isso não é o resumo de uma série, sobre o que eu achei da série. Não é isso, é minha aula, eu não consigo. Muitos amigos meus não se sentem confortáveis para comentar sobre algo que eles não estão vivendo. É muito difícil comentar sobre algo que você está apenas vendo. Uma das matérias que eu faço tem um histórico de reprovação absurdo. Acho que 60%, 70% da turma reprova e os professores falam isso com naturalidade para alimentar o ego deles.

Porque é uma matéria muito difícil, se fosse fácil não se chamava UFMG. Esse professor dessa matéria deu a primeira prova agora e vai dar a segunda nesse final de semana. Cerca de 90% da turma fechou a primeira prova.

Uma prova que tem 70% de índice de reprovação, 90% da turma fechou. O professor recebeu vários prints que denunciavam o esquema de cola. Não vou entrar no mérito disso, porque acho legítima a maneira como os estudantes estão conseguindo se achar para conseguir sobreviver ao ensino remoto. Estávamos discutindo isso no grupo da matéria, e o pessoal dizia: Vocês são minha monitoria, não tem como ir bem na matéria se o professor não responde meus emails, não me responde nos fóruns. A única chance que eu tenho de fazer as coisas é com vocês. O professor deixou a última prova aberta durante 24 horas e depois desse problema da cola, ele vai deixar a prova aberta por apenas uma hora e quarenta minutos, vai ser uma prova síncrona no horário da aula. Muitos alunos são do interior e estão falando da qualidade da internet e, por exemplo, aqui na moradia é muito mais complicado porque quando a UFMG quis montar o Ensino Remoto Emergencial, a gente falou: Como a universidade quer garantir internet com qualidade para os estudantes sendo que nem na moradia, pela qual ela é responsável, ela consegue garantir? A reitora faz a primeira live dela sobre o ERE e tivemos que bombardear os comentários para ela nos responder. Depois dessa pressão que fizemos, a TTI fez a manutenção aqui junto com a FUMP. Eu fico me perguntando também sobre os impactos disso para os professores. Uma coisa que eu aprendi com a Prof. Solange Godoy e a Prof. Tereza Kurimoto é que quando o quesito é saúde mental, a gente reproduz coisas que já sofremos. Elas me contam coisas que passaram no mestrado e doutorado delas. O que os professores reproduzem é o que sofreram como alunos. A chance de um aluno que quer seguir uma carreira acadêmica estar passando um problema e reproduzir isso de novo é muito alta. Eu brinco que mesmo com muita terapia, a chance de não reproduzir isso é baixa. Então os impactos do ensino remoto para nós são muito grandes, está na dificuldade de ensino, na qualidade que a gente está conseguindo ter também para estudar. Eu estou estudando tudo o que eu nunca estudei na minha vida de maneira presencial, estou estudando o dobro, o triplo, de maneira remota, e

mesmo assim parece que não é o suficiente. Existe essa noção que a universidade traz para a gente de pressionar, de produzir. A universidade particular forma para o mercado, ela está sobre pressão do mercado. A universidade pública é mais focada em pesquisa, em dar retorno para a sociedade, só que não somente isso; a gente vê muito essa pressão que o mercado faz aqui. Porque existe essa noção produtivista de que nós somos uma máquina de escrever artigos, conteúdo, escrever tese”.

**E:Você disse que é da moradia. Como ficou a aquisição dos computadores? Foi individual ou a UFMG auxiliou?**

L: Além de compor a Comissão Permanente de Saúde Mental, eu também componho o Comitê de Acompanhamento dos Estudantes. Foi o comitê que pensou o auxílio emergencial para o bandeirão, que a gente chamou de “auxílio complementar”; foi o comitê que também elaborou algumas questões para a PROGRAD, em relação às normas acadêmicas, e também pensamos o programa de plano de inclusão digital. Acho que nele existem várias coisas que temos que começar a questionar porque, por exemplo, o plano foi elaborado faltando um mês para as aulas voltarem. Isso é muita inocência porque é uma burocracia muito grande de recurso público. Eu lembro que, por exemplo, constava no edital que no dia 22 sairia o resultado dos contemplados pelo projeto de inclusão digital e no dia 23 iniciariam os depósitos, mas o dinheiro foi cair no final de julho.

E gerou muitos problemas porque teve gente que comprou o computador, que emitiu o boleto, gente que usou o cartão com o resto da fatura da mãe para comprar e não conseguia aumentar o limite. Eu entendi depois como vem esse recurso: o recurso para a compra de notebooks não veio do PNAES, que é o Plano Nacional da Ação Estudantil, ele veio de recurso próprio da UFMG. Por estar fechada, ela economizou muito com serviço terceirizado, água, luz.

Então como todo esse recurso de custeio foi economizado, a UFMG investiu no plano de inclusão

digital. Quando um recurso não é destinado para alguma coisa, ele tem que ser realocado para uma outra função, e isso dá muito trabalho. Conversando com o vice-reitor, com o próprio pessoal do planejamento, eu falei: "Olha, eu entendo o que vocês estão colocando aqui para mim, mas vocês precisam entender que as aulas vão voltar. Se o dinheiro chega até o final de julho, até o computador chegar, já vai ter no mínimo dez dias que as aulas terão começado por causa do frete, entendeu?". Para mim, o plano de inclusão digital é uma conquista, aprendemos muito com ele, mas não sei como vai ser no segundo semestre. Acho que a universidade foi muito inocente, muito inocente mesmo. Houve esse recurso dos notebooks e o problema com o dinheiro. Uma parte desse recurso foi economizado para ir para o empréstimo do computador e a bolsa de aquisição do PC foi para os calouros. Já a bolsa de empréstimo foi para o pessoal que está mais no final do curso.

A universidade estava cogitando alugar computadores, mas não sei se eles estavam acompanhando o mercado de eletrônicos pois ficou muito caro o aluguel, foi preciso refazer a licitação. O pessoal que receberia o empréstimo de computador foi a mais prejudicada, receberam em setembro. Você fala com o professor: "Não fui assistido pelo plano de inclusão digital", e ele fala: "Você que lute", com essas palavras. Eu estou no sétimo período de Engenharia Metalúrgica, a minha trajetória no curso é muito complicada em relação a notas e a saúde mental. Eu sou de São Paulo e quando me mudei para cá, foi muito difícil a minha adaptação, fiquei muito doente. Só em 2017 eu tive onze amidalites. Fui internado no João XXIII, passei por um processo cirúrgico, enviei um laudo para o professor e disse: "Eu não vou conseguir fazer a prova. Professor, não vou conseguir fazer o trabalho, existe alguma outra maneira de eu refazer para conseguir ter nota?". O professor me mandou: "Melhoras, te espero no próximo semestre". Não é um passado muito distante, isso não aconteceu na década de 70, foi em 2017. O que realmente mudou no tratamento dos professores da UFMG na década de 70, 80 para

os dias de hoje? Acho que hoje temos um celular para gravar o que ele faz, mas o tratamento não mudou. Para mim, a inclusão digital foi uma conquista, só que é preciso discutir muitos assuntos. Quando a universidade decide que as aulas vão voltar, antes do plano de inclusão digital ter sido concluído, ela já joga o plano fora. Ele também tem seus méritos. Eu entrei aqui em 2017 com muitos sonhos, com a oportunidade de ser assistido pela FUMP, mas, por exemplo, a universidade até 2015 tinha o plano de inclusão digital, que era uma bolsa de R\$1.400 para alunos do primeiro ao terceiro período. Em 2016, essa bolsa acabou. Eu brinquei com o pessoal da reitoria: Estamos há quatro anos sem um plano de inclusão digital, teve que vir uma pandemia para vocês perceberem que estudantes precisam ser assistidos em relação a tecnologia.

Hoje nossa maior luta é conseguir que o plano de inclusão digital seja efetivado para os próximos anos. Porque se houvesse um plano desde 2016, a Universidade não sentiria esse impacto como sentiu hoje.

**E: E o bandeirão? Como vocês estão fazendo?**

L: Os alunos da universidade criam uma relação com o bandeirão. Aquela funcionária que te serve de vez em quando, troca uma idéia... Mas o pessoal da moradia é diferente, é muito diferente. A gente come todos os dias no bandeirão, até no final de semana. Existe um evento aqui na moradia que se chama Final de Semana Esportivo, jogamos joga bola com o pessoal do bandeirão, então sentimos o impacto primeiro nas relações, porque muita gente do bandeirão foi desligada e não tem previsão dele voltar, já que ele é autogerido. O bandeirão não funciona, ele não tem lucro, não consegue pagar o funcionário. Então a FUMP não teria condições de arcar com aquele prejuízo e sofrer com o impacto do preço da comida nos próximos anos.



Em relação à alimentação, foi mais complicado ainda, porque a região da moradia é uma região cara, por exemplo.

No mercado mais próximo, para eu conseguir comprar as coisas eu pago muito caro. A gente brigou pelo auxílio complementar. Num primeiro momento, brigamos para a universidade dar de maneira integral o subsídio do bandeirão. Porque, por exemplo, o nível 1 tinha um subsídio mensal de cerca de R\$280 e a gente exigiu esse valor em bolsa, só que cada vez mais foi diminuindo o valor, que está hoje em R\$200, e a previsão disso diminuir até o final do ano é alta. Uma das críticas que eu faço ao plano de inclusão digital que conversa com o auxílio complementar, é que boa parte do auxílio complementar foi colocado no plano de inclusão digital.

Então eu brinco: "Eu estou falando com você com o notebook que eu comprei pelo plano de inclusão digital. Nesse plano, esse notebook me custou menos fruta, menos carne, menos arroz". Aquele ditado do pobre que vende o almoço para comprar a janta é sobre isso, parece que um computador novo para mim custa o preço de eu ficar sem almoçar, de eu poder comprar menos coisas. Com o fechamento do bandeirão e com a redução do valor da bolsa, estamos sentindo muito isso na nossa alimentação. É um bairro de classe média onde estamos inseridos; com um valor de bolsa baixo, temos que andar e muito para conseguir um mercado barato. Não vale a pena ir no Centro comprar as coisas, porque, além de se expor muito mais, talvez uma economia que a gente faz no mercado da região não vale o preço da passagem. É um impacto que estamos sentindo no bolso, na barreira e também no dia a dia por causa da faculdade, porque o que mais está acontecendo é eu estar no meio da aula e comendo. Essa rotina está sendo bem desgastante. A rotina que a universidade me dava, de não ter que cozinhar para mim, só aos finais de semana, dava muito mais tranquilidade para eu conseguir estudar. Para o aluno que é assistido e não é de BH, o ensino remoto impactou e muito no semestre porque sua rotina foi virada de cabeça para baixo. Tem que

ser muito otimista, muito positivista, muito "good vibes" para poder ver o lado bom da pandemia.

Eu não consigo. Minha mãe é líder comunitária e tem uma atuação muito forte em Paraisópolis, tem 65 anos de idade e 45 anos de São Paulo. Ela perdeu mais de 40 pessoas na pandemia, isso é muita gente. Eu perdi seis pessoas na pandemia, entre pessoas próximas e pais de amigos. É muito complicado, eu não consigo ver o lado bom da pandemia.

**E: Por ser da Comissão Permanente de Saúde Mental, você mantém contato com outros alunos. Como esta a saúde mental deles?**

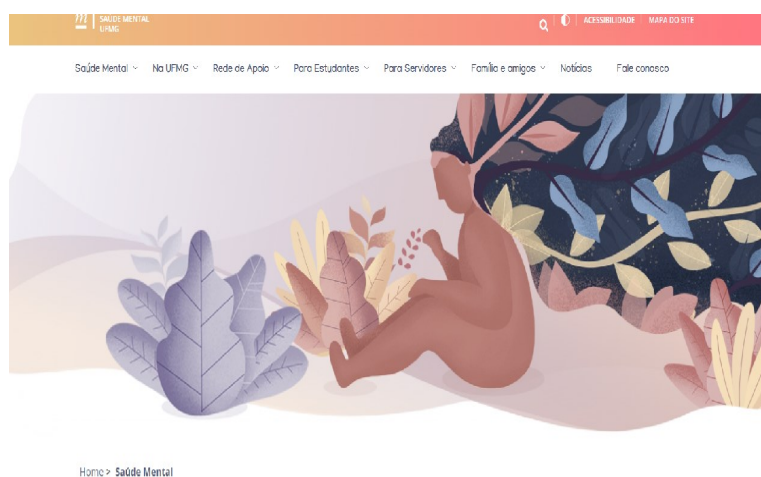
L: Quando a UFMG lançou o site, eu fiz um post, comentei com os amigos. Fiz um post bem simples: "Ô galera, saiu o site de saúde mental". Muitos amigos meus me criticaram, não de maneira institucional como aluno, mas como amigo, falando: "Isso é uma idéia errada, de que adianta a universidade fazer um site, mas continuar afetando a saúde mental de todo mundo?".

Quando entramos na universidade, seja aluno pobre ou rico, negro ou branco, vemos a universidade de maneiras diferentes, as pessoas são mais ou menos impactadas. Uma coisa que a universidade se nega a admitir que existe é desigualdade em relação ao acesso à informação. Se os estudantes tivessem acesso à informação sobre como a universidade funciona, muitas coisas não teriam acontecido. Se no primeiro semestre eu visse que eu estava com mais de dez receitas médicas, pagando mais de R\$300 em antibióticos, se eu soubesse como funcionavam as normas de graduação, eu não teria sentido tanto impacto no meu RSG. Eu não estaria com minha saúde mental tão abalada porque eu saberia que naquele lugar tem um núcleo de atendimento, de escuta.

Eu acho que o site de saúde mental vem com essa proposta, como um local para democratizar a informação, um local para apoiar novas ações. Falar de um refúgio digital seria errado, mas meio que um espaço que fosse como uma bússola, um lugar que dá orientações em momentos de crise.

Porque eu não sabia de muita coisa que a universidade tinha, tantos núcleos de atendimento, de escuta. Eu fiquei pensando: "Isso realmente é para a gente, mas quem realmente sabe disso? Isso aqui é para professor, será que o professor sabe disso?". Então, para mim, o site de saúde mental funciona como uma bússola de orientações. O site faz um papel muito bonito de defesa do SUS, de resistência. Ele também demonstra diversas ações que a universidade promove com a comunidade externa e interna. O site também tem uma proposta para familiares; eu mandei para minha mãe e ela adorou. É muito boa essa proposta de um site que se propõe a acolher as pessoas, independente de quem elas são e de onde são. Em relação à saúde mental dos alunos, eu acho que o momento político que estamos vivendo hoje é muito delicado, e acho que isso é o que mais impacta na nossa saúde mental. Uma pessoa que quer fazer uma discussão de saúde mental mas não quer levar em consideração o momento que vivemos hoje, não quer levar em conta vários recortes de raça, de classe, de gênero, não está preparada para essa discussão. Porque a saúde mental de um aluno negro que chega na universidade e lida de maneira cotidiana com ações racistas, falas racistas, olhares racistas... Isso adocece o aluno. Os olhares machistas que aluna sofre, numa turma majoritariamente de homens, adoecem. Quando você para e pensa como a universidade é classista e elitista, como há professores que pedem para você comprar um livro de R\$500, mas que no sebo custa R\$200, e no formato digital são R\$300. Para quem ele está dando aula? E o momento político que estamos vivendo é isso, cada vez mais frustrante. Eu imagino se você consegue estudar não tendo perspectiva. Acho que isso é o que mais está adoecendo a gente hoje.

Quem se formava antigamente tinha perspectiva, vivíamos um momento de crescimento. Conseguíamos saber que tínhamos emprego, podíamos fazer um intercâmbio, pagar a formatura, dar um pouco de qualidade de vida para nossas famílias. O que está mais nos adoecendo hoje, ao meu ver, é todo esse contexto, da universidade, dos ataques que ela está sofrendo.



<https://www.ufmg.br/saudemental/saude-mental/>

# O significado do Ensino Remoto Emergencial na vida do docente

Professora Stella Goulart aponta que o ERE foi introduzido numa situação de grande fragilidade

É mais que inesperada, é surpreendente e avassaladora a entrada do Ensino Remoto Emergencial – ERE na educação da UFMG. É claro que já existia o ensino a distância, mas é muito diferente de uma emergência. Estamos vivendo essa situação com todo o seu calor e tem sido difícil. Nós, os professores, não fomos treinados e contratados para ensinar on-line. Os professores da UFMG não têm esse perfil; essa é uma opção, tanto que existem projetos específicos de ensino a distância na Faculdade de Educação, mas que são estruturados para tanto. Existem plataformas, condições e metodologias específicas envolvidas, há planejamento, e o que estamos fazendo está muito longe de ser um ensino a distância; é um ensino que eu chamaria de “mais que emergencial”, pois foi praticamente desesperado.

Estamos num cenário de improviso que não coincide com o perfil do professor da UFMG. Eu já tive a oportunidade de trabalhar em outras instituições de ensino superior antes da UFMG, numa instituição privada de qualidade e, considerando o ensino superior, nós temos diversos jeitos de ser, de trabalhar e exercer nossa profissionalidade. Trabalhar no ensino privado, ainda que seja no ensino superior, na mesma área e na mesma disciplina, é muito diferente do trabalho que é desenvolvido numa universidade pública. Na UFMG, o ensino é apenas uma das atividades do professor. O desenvolvimento de pesquisa, extensão e ensino é a marca da instituição. O cotidiano de trabalho dos professores está vinculado a uma equipe composta pelos seus parceiros doutorandos, pós-doutorandos, mestrandos, estudantes de iniciação científica e monitores.

O ERE foi introduzido numa situação de grande fragilidade porque as bolsas estavam sendo



Profª Maria Stella Brandão Goulart

cortadas; os estudantes e os professores, especialmente da área de humanas, já estavam sem perspectivas de conquista de financiamento, então o ERE nos pegou numa situação muito precária, com a mudança de ministros que degradavam nossa profissão, que assediavam os professores, e estimulavam a perseguição e a denúncia dos mesmos. Quantas vezes tivemos que impedir ações do Ministério da Educação que falavam claramente da necessidade de controlar aquilo que os professores falavam e faziam dentro da sala de aula? Inúmeras vezes testemunhamos iniciativas de filmar professores dentro da sala de aula e divulgar nas redes sociais, corrompendo completamente o nosso espaço de trabalho. Nessas filmagens, vemos apenas a “ponta do iceberg” do trabalho do professor, que é um trabalho do intelectual, do pesquisador, do inventor de mundos, no qual a criatividade, a reflexão e a ousadia sem compromissos com o poder constituído é basilar para a constituição da nossa excelência, ou do que entendemos como excelência. A UFMG deu provas sistemáticas disso; é indicada como espaço de excelência indiscutível, ainda que tenhamos questionamentos

sobre o ranqueamento, mas somos uma universidade importante, e a nossa profissão é inventar mundos. Nós somos inventores.

Então não existe a possibilidade de nos adaptarmos ao ensino remoto porque isso significaria modificar nossa profissionalidade numa dimensão tão profunda, que estaríamos falando de outro mundo. Talvez a palavra adaptação não seja a melhor; talvez precisemos pensar numa redefinição que passe pela reafirmação da luta pelo ensino público, gratuito, inclusivo, de excelência, pela garantia do respeito pelo conhecimento cada vez mais amplo e aprofundado em nossa profissão e pela nossa contribuição para a sociedade brasileira. Nós participamos na construção do patrimônio cultural e científico da humanidade, que ficará para a história; essa é uma conexão muito profunda.

O momento é mais do que emergencial; é crítico. Os colegas de profissão, e principalmente as colegas, então vivendo uma situação existencial muito dramática. Do ponto de vista intelectual, o trabalho remoto é um desafio enorme, pois estamos sendo convidados a nos transformar em pessoas da mídia. Para um filósofo que trabalha no silêncio do seu gabinete ou para um pesquisador que trabalha dentro do seu laboratório, ser forçado repentinamente a desenvolver uma performance é impensável. De repente, temos que aparecer em cena, inventando um cenário e um personagem que simplesmente nos absorve radicalmente. Essa é uma tarefa que absorve nosso tempo, dedicação, nossa subjetividade e, objetivamente, nossos recursos, e é um pouco absurdo.

Eu assisti aos vídeos que viralizaram na internet e fiquei estarelecida com a naturalização do espaço privado e da vida do professor, com a violência. O que faz sucesso na internet é o que agrada a pessoas de gosto muito duvidoso. A internet é um lugar assustador e sem regulação. Viralizar as cenas em que os professores estão ali, desenvolvendo uma relação com os estudantes e, provavelmente, sem a permissão deles, pelo que consegui entender, já é

um crime. Perdemos a noção do conceito de privacidade e da sua importância, não só para a realização do trabalho mas para o zelo pelos direitos individuais e pelos direitos de propriedade intelectual. Esse tem sido um dos maiores problemas, que mais assustam e ameaçam os professores, porque o professor da UFMG divulga um conteúdo em sala de aula para seus alunos, que passaram por um processo seletivo para chegar naquele espaço protegido, onde o professor compartilha aquilo que é a excelência. De repente, essa excelência pode ser simplesmente gravada e compartilhada, e não há nenhuma maneira de conter isso. Isso representa um risco enorme para o patrimônio científico, cultural e artístico que a UFMG constrói, e é algo terrível também quando consideramos a vida privada dos professores.

É impressionante o que está acontecendo. Quando pensamos nesses vídeos virais e nas diversas plataformas, precisamos nos lembrar também que a maioria dos professores da UFMG estão na faixa dos 50 anos de idade, e essa geração não teve muito contato com as redes sociais. Desde a entrada das novas tecnologias na dinâmica de trabalho do docente, já havia desconforto, dificuldade e sofrimento físico e mental para eles. Sofrimento físico pelo fato de não termos condições ergonômicas para enfrentar esse tipo de tecnologia, e o sofrimento mental, por ser o principal motivo de afastamento dos professores da UFMG, pois essas tecnologias como, por exemplo, o aplicativo WhatsApp, entraram em nossas vidas, desestruturando a dinâmica de trabalho, abrindo a possibilidade de orientar estudantes, fazer reuniões e organizar todo o trabalho fora do expediente. O contrato que assinávamos ao ingressar na universidade não existe mais; nós, professores, poderíamos abrir ações contra a UFMG, mas não o fazemos pois as instituições públicas são constituídas por estruturas colegiadas, por parcerias, e ainda que isso não evite problemas relativos a hierarquia e autoritarismo, trata-se de uma relação de colaboração.

Isso é apenas um exemplo do que essas tecnologias produzem, e quando elas se tornam quase uma norma, nós todos temos que entrar na plataforma para dar aula e não tem outro jeito, temos que dar aula na cozinha ou no quarto, e é constrangedor. O salário do professor da UFMG é ínfimo, ofende a trajetória de um pós-doutor. Não temos condições de segurar um pós-doutor com dedicação exclusiva porque o mercado de trabalho paga muito mais. Quando analisamos que um professor que não tem um salário digno para comprar a sua cadeira e seu computador, e que não existe ergonomia para o uso do laptop, celular ou tablet, vemos que estamos numa situação insalubre. Essa é a nossa realidade.

Mas somos todos profundamente conectados com o projeto do ensino público, então viva aos professores e professoras. Não porque estão dando uma aula performática, bonitinha, para os estudantes, mas porque estão sustentando uma universidade pública que está sendo profundamente ameaçada pelo negacionismo. Viva aos professores que estão no ensino, na extensão, na produção de artigos e pesquisas, nas atividades administrativas e no preenchimento de plataformas sem fim. É um esforço desumano que causa adoecimento, mas antes disso teremos muito sofrimento. É muito grave o cenário que estamos vivendo, ainda mais com essa pandemia: as pessoas têm medo de morrer, de perder familiares e amigos. Não podemos naturalizar o ERE de forma alguma, não podemos deixar que a emergência cubra a precarização que está sendo imposta a todos nós

Gostaria de pedir aos estudantes que ultrapassem a superficialidade desse momento, e compreendam que, do ponto de vista existencial, é o momento mais grave que a sociedade brasileira contemporânea está vivendo. Compreendam a importância do lugar de vocês, compreendam o que é ser um estudante da UFMG e como sustentá-la nesse momento a partir de uma perspectiva crítica. Protejam o con-

teúdo de excelência da UFMG, respeitem todos os membros da universidade, procurem o DCE para a defesa dela. Essa pandemia nos trouxe a visão de que as coisas não são permanentes, tudo um dia pode acabar, a civilização pode acabar, assim como as nossas vidas podem acabar a qualquer momento. Nossas instituições não são perenes, isso depende do nosso investimento, esforço, da nossa presença. Ligar as câmeras foi um ato simbólico muito importante, mas é um ato simbólico que o professor não pode realizar, então ele tem que aparecer em cena mostrando a vida privada, que não tem nada a ver com a vida profissional. Então agora eu tenho que pintar as minhas paredes, tenho que aparecer dentro de uma performance, colocar livros atrás de mim, colocar telas ou uma orquídea? Eu não tenho isso para oferecer, tenho meu trabalho intelectual para oferecer, tenho o prazer de fazer o que estou fazendo nos últimos 30 anos e gostaria de continuar fazendo com dignidade. Estamos num momento de recuperar o conceito mais profundo desse valor, que é a dignidade.

## Segunda opinião formativa

**“A mudança exigiu adaptação rápida por parte dos professores, o que levanta debates e questionamentos: os professores estão preparados para lecionar além do formato tradicional?”**

**Área:** Ciências da Saúde

**Tema:** Tecnologia e Educação

A situação de isolamento social exigiu atitudes por parte de cada indivíduo nas relações sociais, familiares e de trabalho. Nas situações de ensino, não foi diferente. A adoção do ensino remoto emergencial (ERE) como opção temporária para manutenção das atividades fez com que o processo ensino aprendizagem fosse pensado e realizado de maneira que permitisse a aproximação professor/aluno, entendendo que o termo remoto se refere ao distanciamento no sentido geográfico, ou seja, da proximidade física. Além disto, trata-se de uma solução temporária, como sugere o termo emergencial, adotado em condições de necessidade excepcional, que possibilitará manter as atividades de ensino, considerando as condições mínimas para que sejam realizadas. Propõe a implementação de maneira rápida, confiável e segura, durante a emergência contextual. Como condição para seu desenvolvimento, o ensino remoto emergencial requer o uso de tecnologias de informação e comunicação na mediação do processo, que possibilitam a realização de atividades de forma síncrona ou assíncrona.

É importante destacar que o ensino proposto para este período emergencial não pode ser caracterizado como educação a distância, por definição. A educação a distância envolve desde o planejamento até sua avaliação, ações para serem desenvolvidas prioritariamente por meio de recursos tecnológicos, resguardada uma concepção didática-pedagógica própria. Envolve a construção do material didático de forma que o aluno possa participar como co-responsável na construção do conhecimento, sendo orientado e acompanhando pelos professores e tutores no desenvolvimento das atividades propostas.

**Teleconsultor Conteudista:**

Professora Eliane Palhares Guimarães  
DEP. de Enfermagem Aplicada - EEUFMG

O desenho do projeto deve considerar desde as condições estruturantes da instituição, a organização e composição do conteúdo, bem como as alternativas estratégicas para seu desenvolvimento, com destaque para a apropriação dos recursos tecnológicos.

A educação a distância possui ainda como característica a possibilidade de desenvolvimento das atividades em tempos e espaços diferentes, apropriados ao planejamento de estudo do aluno. Para tanto é necessário que o aluno seja disciplinado, organize seu tempo e sinta-se motivado para desenvolvimento das atividades.

Como pode-se perceber, de maneira distinta das experiências de ensino a distância, o ensino remoto emergencial caracteriza-se como uma estratégia temporária, para a qual os professores precisaram se adaptar em um curto período de tempo. Foi necessário participar de ações formativas para a prática pedagógica, como forma de preparação e instrumentalização para esta nova forma de ensinar. A sala de aula deixa de existir no seu conceito de limite espacial físico e transporta-se para um ambiente virtual, onde as relações interpessoais são mediadas pela tecnologia. As aulas são realizadas preferencialmente de forma síncrona, ou seja, em real com interação a distância e, as atividades, geralmente assíncronas, para as quais os estudantes são orientados pelos professores e tutores.

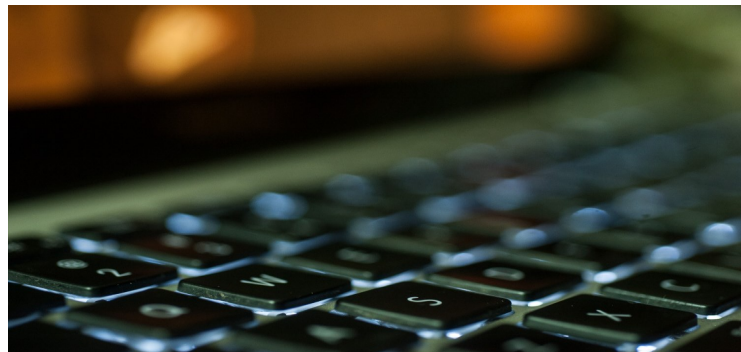
Independente da modalidade, as atividades são realizadas no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), de escolha da instituição ou do professor.

## Segunda opinião formativa

Para “atrair” a atenção e estimular a participação do aluno, as disciplinas devem ser construídas de forma a contemplar uma variedade de estratégias de ensino, que incluem as aulas gravadas pelo professor ou mesmo realizadas em tempo real, na sua forma mais tradicional, mas ser criativo na proposição das atividades promovendo a interação com os alunos e orientando quanto às atividades que devem ser realizadas ao longo do período de dispersão, no qual o aluno executará as atividades sem o acompanhamento direto do professor.

É importante destacar, que os recursos tecnológicos permitem a realização de atividades individuais, a exemplo de tarefas postadas no ambiente virtual de aprendizagem, bem como de atividades construídas coletivamente, como é o caso do WIKI – ferramenta que permite a construção coletiva de um texto.

Portanto, como pode-se perceber, o conhecimento e a criatividade do professor aliadas ao potencial das ferramentas tecnológicas, permitem a utilização de ambientes de aprendizagem e a construção de conteúdos de forma diversificada e mais atrativa. Esta conjunção vem favorecer a construção de novos rumos para a educação, perenizando estas experiências na adoção do ensino híbrido e, num curto espaço de tempo, quiçá da educação a distância.



Para **Patricia Alejandra Behar, professora da Faculdade de Educação/UFRGS**, o Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância não podem ser compreendidos como sinônimos. “O termo remoto significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. É emergencial porque do dia para noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado”.

Ainda de acordo com a professora, foi preciso pensar em atividades pedagógicas mediadas pelo uso da internet, pontuais e aplicadas em função das restrições impostas pela covid-19 para minimizar os impactos na aprendizagem advindos do ensino presencial. “O currículo da maior parte das instituições educacionais não foi criado para ser aplicado remotamente. Por isso, o professor de uma hora para outra teve que trocar o “botão” para mudar de sintonia e começar a ensinar e aprender de outras formas.”

# Te Indico

Sabemos que para algumas pessoas este momento de grandes incertezas, distanciamento social e em alguns casos o excesso de informações pode ser difícil de lidar. Por isso listamos abaixo algumas ferramentas online e gratuitas com sugestões de atividades que podem te ajudar a se distrair

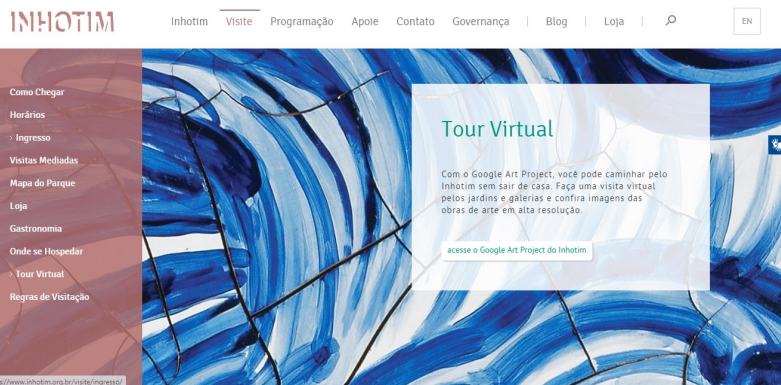
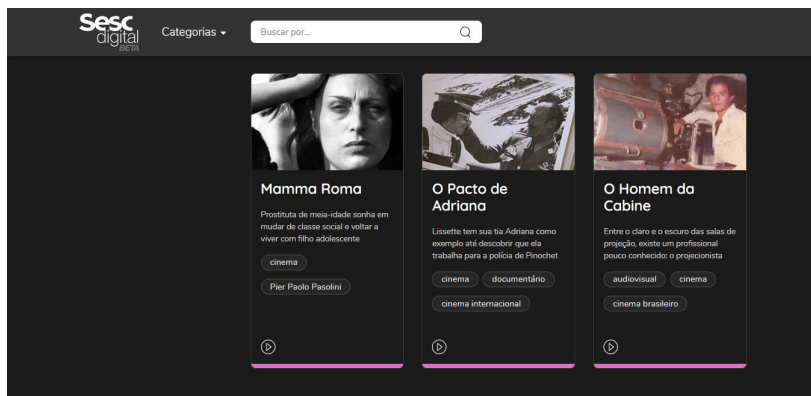


Que tal ler uma das obras do escritor Machado de Assis?

No site <http://machado.mec.gov.br/> você encontrará todas as obras disponíveis para download.

Você também pode assistir a um filme por meio do projeto “Cinema em Casa” com quatro novidades por semana disponíveis no streaming do SESC.

<https://sesc.digital/colecao/42876/cinema-emcasacomsesc>



O Instituto Inhotim em Brumadinho (MG) é o maior museu a céu aberto do mundo, e você pode visitar seu acervo por meio de um tour virtual no link

<https://www.inhotim.org.br/visite/tour-virtual/>.

Está com saudades do teatro?

No site <http://teatroparaalguem.com.br/> é possível assistir diversas peças teatrais a qualquer momento.



EXPEDIENTE: Docentes: Solange Cervinho Bicalho Godoy e Eliane Marina Palhares Guimarães - Divulgação e comunicação social: Discentes, André Vitor Ferreira de Souza, Dayane Abreu Ribeiro, Joana Motta Araújo Roesberg, Leila Emanuelle Peixoto Nascimento, Michelle Silva Dias, Rafael Vilhena Rezende e Sara de Paiva Soares Berto - Editor: Rosânia Felipe - Projeto gráfico: Solange Cervinho Bicalho Godoy e Discente: Rafael Vilhena Rezende - Diagramação: Rafael Vilhena Rezende - Revisão: Docente Solange Cervinho Bicalho Godoy e Discente: Michelle Silva Dias- Circulação: Trimestral - Endereço: Av Alfredo Balena, 190 cep 30130100 Belo Horizonte/MG/Brasil - Telefone: 031 3409-8041- É permitida a reprodução de textos, desde que